



PROPOSTA DE ATIVIDADES REFLEXIVAS PARA OS DESVIOS ORTOGRÁFICOS DO <R> EM CODA FINAL DE FORMAS VERBAIS

PROPOSAL OF REFLECTIVE ACTIVITIES FOR THE IN FINAL CODA <R> OF VERBAL FORMS

Érica Aparecida Alves Fraga Freitas
erica.fraga@hotmail.com
Ronaldo Mangueira Lima Júnior
ronaldojr@letras.ufc.br

Resumo: O domínio das convenções ortográficas é crucial para uma comunicação escrita bem-sucedida. Para isso, a escola tem um papel primordial, porém a maioria dos alunos, mesmo os de Ensino Médio, não tem domínio da escrita, apoiando-se demasiadamente na oralidade. Sendo assim, esta pesquisa buscou analisar os efeitos da utilização de atividades reflexivas para o ensino das convenções ortográficas do infinitivo e da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Foram utilizadas atividades sobre o apagamento do <r> em coda final e da sua inserção com alunos do 7º ano, e dados de pré- e pós-testes (ditado e produção textual) foram analisados. Os resultados mostraram que com poucas intervenções reflexivas foi possível diminuir significativamente a quantidade de erros ortográficos relacionados ao <r> em coda final de verbos, de 280 erros nos pré-testes para 49 nos pós-testes, demonstrando a necessidade de atividades reflexivas específicas para o tratamento de desvios ortográficos persistentes.

Palavras-chave: Ortografia; Erros ortográficos; Reflexão; Ensino.

Abstract: *The proper command of spelling rules is crucial for successful written communication. For that purpose, school plays a vital role, yet most students, even those in High School, do not have command of spelling, relying too much on the oral language. Therefore, this research aimed at analyzing the effects of reflective teaching of the spelling rules for the infinitive and the 3rd person singular verb forms. Reflective activities about the deletion and insertion of <r> in final coda were used with 7th graders, and the data from pre- and post-tests (dictation and composition) were analyzed. The results show that, with few interventions, the number of spelling mistakes dropped significantly, from 280 in the pre-tests to 49 in the post tests, showing the need for specific reflective activities for the treatment of persistent spelling difficulties.*

Keywords: Orthography; Spelling mistakes; reflection, teaching.

1. Introdução

Nas sociedades grafocêntricas⁸⁸ modernas, a escrita é bastante valorizada, pois é, muitas vezes, por meio dela que o indivíduo adquire conhecimentos e se expressa satisfatoriamente. A escola tem como meta cumprir a exigência da sociedade em ensinar a criança a ler e a escrever, de forma sistematizada, o código formal escrito. Também, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, as escolas devem ser orientadas quanto à sua responsabilidade social, a trabalhar

⁸⁸ Diz-se da sociedade que é centrada na escrita



com a linguagem, partindo dos usos do aluno com textos reais para, assim, garantir a compreensão da língua, de acordo com o contexto em que deverá ser utilizada apropriadamente. Porém, muitas vezes, a escola não leva em consideração a variante do aluno, repetindo, com ênfase, que ele não fala e, conseqüentemente, não escreve bem, por usar os saberes apreendidos na oralidade do seu contexto familiar.

Associado à aquisição da leitura e da escrita, o discente, no decorrer dos anos escolares, necessita se deparar com situações em que possa perceber a importância de se escrever bem. Nesse sentido, os educadores procuram estratégias que possam minimizar as conseqüências, no desenvolvimento do educando, relacionadas às dificuldades em todas as áreas do conhecimento sistemático. Os prejuízos acarretados levam, muitas vezes, esses estudantes à evasão e à desistência escolar, o que os deixam à margem da sociedade por não terem concluído seus estudos e, por conseguinte, terão mais dificuldades de encontrar um trabalho formal. Os professores devem inteirar os alunos de que, apesar de não existir um dialeto superior, há uma norma da escrita socialmente prestigiada e, se eles pretendem conquistar uma vaga no mercado de trabalho formal e até mesmo interagir com pessoas de diversas classes sociais, terão que dominar a norma da escrita.

Ao pensar em soluções para o problema do fracasso escolar, o professor deve considerar a heterogeneidade linguística dos alunos, em especial os do Ensino Fundamental II, que se acredita já estarem alfabetizados, mas que precisam de contribuições pedagógicas para conhecer as normas ortográficas da Língua Portuguesa. O educador deve também facilitar essa aquisição de forma progressiva, à medida que a criança aprofunda o conhecimento do léxico ortográfico, nos estágios subsequentes à fase da alfabetização (BORTONI-RICARDO, 2006).

Para Cagliari (2001), é primordial a reflexão que o aprendiz faz sobre a organização do código linguístico no momento em que é alfabetizado. Ele percebe que o processo de homogeneização que a escrita sofre a diferencia da fala, na garantia da qualidade da comunicação. Porém, após ultrapassar esse estágio, a criança precisa ter o conhecimento da norma ortográfica, como forma de reconhecer que sua escrita se tornará válida socialmente.

O conhecimento das normas ortográficas por parte do aprendiz deveria ser comprovado com um bom desempenho ortográfico em suas produções escolares, principalmente após alguns anos na escola. Porém, estudiosos como Moraes (2008) demonstram que os alunos ainda apresentam uma grande dificuldade nas suas produções textuais. O papel que a escrita desempenha na formação cidadã dos indivíduos é inquestionável. Com a escrita, o indivíduo tem a oportunidade de exercer seu direito de comunicação por meio de diversas formas de letramento, em atividades do seu interesse e das

quais sinta necessidade. Porém, o registro da modalidade escrita deve seguir uma padronização com a aplicação correta da norma ortográfica, tendo em vista que as convenções ortográficas são reconhecidas como um fator relevante para a comunicação e a compreensão do texto escrito.

Também não se pode esquecer das variações linguísticas presentes nesse processo. Zanella (2010), ao abordar a construção da ortografia de uma língua, ressalta a influência dos diferentes modos de falar e, principalmente, das convenções sociais. A autora afirma que a linguagem escrita, comparada à linguagem oral, oportuniza a compreensão do texto escrito, independentemente de variações linguísticas.

A ortografia, muitas vezes, foi omitida da sala de aula em favor de conhecimentos do nível textual. Contudo, sabe-se que um texto, para se apresentar coeso, coerente, com boa argumentação e estrutura gramatical, não pode apresentar desvios ortográficos, pois, além de não passar credibilidade, exige mais tempo e esforço para a compreensão.

Ainda se encontram poucos trabalhos que sugerem metodologias de ensino relacionadas à aprendizagem de ortografia, de como o professor pode interferir nesse processo e como o aluno se comporta cada vez mais como sujeito ativo da sua aprendizagem. Com isso, nota-se uma estagnação didática no ensino da ortografia no Brasil, que não acompanha o avanço dos estudos linguísticos observado nos últimos anos. Atribui-se esse fenômeno, de acordo com Moraes (2008), à noção de ortografia ligada tradicionalmente à memorização, sem a necessidade de reflexão da sua constituição. É possível complementar esse ponto observando a metodologia utilizada pelos livros didáticos adotados em sala de aula. Muitos só apresentam exercícios de fixação e reescrita, sem nenhum aprofundamento e discussão sobre as regras ortográficas. Essas metodologias, ainda baseadas na concepção tradicional de ensino, privilegiam a memorização de regras e as atividades repetitivas e mecânicas, como cópias, ditados e exercícios de recitação de regras prontas. Para o aluno é somente repassado o treinamento para memorização da grafia correta de determinadas palavras.

Pode-se afirmar, segundo Moraes (2008), que a principal finalidade da ortografia é ajudar a comunicação escrita. Unifica-se a escrita das palavras porque se sabe que na língua oral elas são pronunciadas de formas variadas. Também, sabemos que a escrita tem caráter convencional mais forte por vários motivos, desde os ligados ao tipo de canal até ao contexto institucional (escola).

Como exemplo da maneira como a fala sofre influência regional em que se dá a interação comunicativa, se solicitado a um falante nativo do Rio de Janeiro e um de Pernambuco para pronunciarem a palavra “dia”, o primeiro diria algo como [dʒia] e o segundo falaria [dia]. Porém, na escrita, é preciso neutralizar essa variação fonética para facilitar a comunicação entre os falantes de

várias regiões, grafando sempre *dia*, independente da pronúncia. O mesmo acontece por interferência da variedade linguística falada por grande parte da população, por exemplo, na palavra “advogado”, o mais provável é se falar [adivo'gadu], com o acréscimo de [i] em sílaba travada (terminada em consoante), porém a criança deve aprender que, mesmo falando esse [i], a letra <i> não deve ser grafada na palavra “advogado”.

Essa reflexão revela que os alunos precisam compreender a importância do papel da ortografia e progredir em seus conhecimentos metalinguísticos, buscando a aprendizagem para um melhor desempenho do seu rendimento escolar. A busca de uma ortografia única, segundo Zanella (2010), contribui para uma inserção dos falantes de uma mesma língua e facilita o intercâmbio cultural.

Ao chegarem aos últimos anos do Ensino Fundamental II, os alunos ainda trazem muitos traços da transferência da oralidade na escrita, sendo um dos mais marcantes o apagamento e a inserção do <r> em coda de formas verbais. O processo fonológico de apagamento do /r/ do infinitivo é bastante generalizado na fala do português do Brasil, sendo encontrado em todas as camadas sociais. É possível prever que apenas em situações de alto monitoramento da fala, ou em casos de dialetos específicos, um brasileiro irá pronunciar o /r/ do final de infinitivos. Isso leva o aluno que se apoia demasiadamente na oralidade para suas escolhas ortográficas a grafar *esta, fica, fala* e *fazê*, por exemplo, quando o alvo seria *estar, ficar, falar* e *fazer*, respectivamente, com o apagamento do <r>. Alunos que começaram a compreender que às vezes há um <r> grafado mesmo que não pronunciado, mas que ainda não internalizaram a regra completa, podem fazer o inverso, uma hipercorreção, grafando “você *estar* bem?”, por exemplo, com a inserção do <r>.

Sendo assim, esta pesquisa teve o objetivo de avaliar o efeito de um ensino reflexivo para as convenções de escrita dessas formas verbais. Especificamente, foram elaboradas atividades que buscam sistematizar o ensino dos princípios que regem a norma ortográfica das formas verbais de infinitivo, e das formas verbais de 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Essas atividades foram conduzidas com alunos do 7º ano, e os dados de dois pré-testes e dois pós-testes, um ditado e uma produção textual, foram analisados, a fim de responder à seguinte pergunta de pesquisa: Qual é o efeito da utilização de atividades específicas e reflexivas na aprendizagem das regularidades ortográficas das formas verbais estudadas?

2. Metodologia



Esta pesquisa é de natureza quanti-qualitativa, e seguiu métodos da pesquisa-ação. Pretendeu-se investigar, inicialmente, os desvios ortográficos mais recorrentes nas redações de alunos do 7º ano de uma escola pública de Foratleza-CE e, a partir daí, selecionar aqueles que seriam tratados em intervenções em sala de aula. Esse tratamento quantitativo conferiu à pesquisa uma avaliação inicial que, conforme Nóbrega (2013), tem uma função reguladora do planejamento. De acordo com o autor, a identificação e a seleção desses dados servem de base para elaboração da sequência de atividades que serão desenvolvidas em sala de aula. Ainda sobre o outro procedimento, o qualitativo, possibilitou a tomada de decisão sobre a questão problema, por meio da avaliação e da compreensão dos sujeitos e do contexto presentes no fenômeno. A investigação qualitativa serviu para a professora-pesquisadora, sobretudo, como base para o desenvolvimento de ideias, a partir de padrões encontrados nos dados.

A primeira etapa da pesquisa foi feita em duas turmas de 7º ano (Turma A e Turma C) em que a professora-pesquisadora lecionava. As duas turmas tinham no total 66 alunos matriculados, sendo 33 alunos no 7º ano A e 33 no 7º ano C. A faixa etária das turmas variava de 12 a 14 anos. Foram recolhidas produções textuais dos alunos, uma de cada aluno, o que permitiu o levantamento de todos dos desvios ortográficos presentes nos textos. A seguir, os erros ortográficos foram categorizados e os mais recorrentes foram identificados. O mais recorrente foi o apagamento e a inserção do <r> em coda final das formas verbais (61%), seguidos de ditongações e monotongações (24%) e hiper e hipossegmentações (15%). Portanto, com base nos dados coletados, a pesquisa, bem como a produção de atividades, concentrou-se no apagamento e na inserção do <r> em coda final de formas verbais.

Foi necessário escolher apenas uma das turmas para realização das intervenções, a escolhida foi a turma de 7º ano C, por ter apresentado maior número de desvios ortográficos. Dos 33 alunos matriculados, 18 eram meninos e 15 eram meninas. A faixa etária variava de 12 a 15 anos, com 2 ou 3 alunos repetentes. Após chegarmos à conclusão sobre os desvios mais encontrados e que deveriam ser tratados nas intervenções, decidiu-se realizar um pré-teste, que também serviria de pós-teste, a fim de avaliar os efeitos das intervenções. Foram utilizados uma produção textual e um ditado contextualizado como pré- e pós-testes, de forma a obter tanto dados espontâneos como controlados. Os dados do pré-teste foram coletados em agosto de 2017, por meio de uma produção textual dirigida e um ditado musicalizado. Esse tipo de atividade envolveu participação e interação melhor da turma, por se tratar de uma atividade que eles não eram acostumados a realizar.

A produção textual não teve tema específico, nem delimitação do número de linhas.



Explicou-se que essa produção não teria caráter avaliativo, o que concedeu aos alunos mais fluidez textual, com textos ultrapassando o número de linhas comumente exigido, o que surpreendeu a professora-investigadora desse estudo. Pode-se constatar com isso que, muitas vezes, o maior bloqueio da produção escrita do aluno é escrever sabendo que será avaliado. A maioria escreveu textos narrativos. O objetivo nessa produção textual foi exatamente esse, deixar o aluno escrever espontaneamente. Para Santos (2016), a escrita espontânea deixa a criança livre para expor seus pensamentos e abre espaço para criatividade e ludicidade. Sobre as produções espontâneas, Morais (2005) diz que são uma fonte importante de pesquisa, pois, ao escreverem seus textos autorais, os alunos demonstram, de forma muito autêntica, as representações que estão elaborando sobre a ortografia.

O segundo pré-/pós-teste foi um ditado, sendo o do pré-teste baseado em músicas e o do pós-teste baseado em provérbios. Para o pré-teste foram utilizadas as músicas *Todos os verbos*, de Zélia Duncan; e *Xote ecológico*, de Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga. Foi dado aos alunos o teste com as letras das músicas, com lacunas para serem completadas. Na primeira música, *Todos os verbos*, havia 20 ocorrências de formas verbais do infinitivo e da 3ª pessoa do singular, em que os alunos teriam que saber em quais colocariam o <r> no final e em quais não colocariam. Na segunda música, *Xote ecológico*, houve 9 ocorrências, totalizando 29 ocorrências a serem preenchidas. Os alunos ouviram cada canção três vezes e iam realizando o preenchimento das lacunas de acordo com a audição das músicas. O ditado do pós-teste teve um procedimento similar, porém foi realizado com provérbios lidos pela professora-pesquisadora.

Na elaboração das atividades que serviriam de intervenção, partimos de um trabalho de reflexão e de sistematização, abordando uma metodologia voltada ao trabalho com foco no significado e com uso prático da língua, por meio de um conhecimento reflexivo sobre uso da língua. As atividades seguiram os pressupostos teóricos de Morais (2008) e Nóbrega (2013). Escolheu-se essa fundamentação pelo fato de os autores mencionados abordarem o ensino de ortografia por meio do princípio didático de um ensino reflexivo. Partindo, então, desse princípio, cada atividade foi feita com o objetivo de estimular o aluno a investigar a organização da norma e o desvio a ser trabalhado. As atividades foram organizadas, tendo como objetivo a reflexão, a sistematização e o emprego da norma, de acordo com o ciclo de ações para o ensino das regularidades ortográficas de Nóbrega (2013).

Acredita-se que o professor, ao criar estratégias de acordo com sua disposição e levando em consideração a sua sala de aula, pode tornar suas aulas um espaço de reflexão sobre o que se precisa

ser apreendido. Ao refletir criticamente sobre suas ações, o educador será mais flexível na sua metodologia em sala de aula e, conseqüentemente, abrirá mais espaço à participação dos alunos. O objetivo com essas atividades é melhorar a competência escrita do aluno, não deixando de trabalhar com a ortografia, porém de maneira mais participativa e significativa para esses educandos. Por conseguinte, as atividades ortográficas sistematizadas foram desenvolvidas com base em textos, músicas e jogos (cruzadinha), considerando a linguagem em funcionamento, não utilizando apenas o livro didático como fonte de conhecimento e aprendizagem.

O objetivo das atividades foi exposto aos alunos sempre ressaltando que estas visavam a ajudá-los a avançar no domínio do código escrito. Ao aplicar-se a proposta de intervenção, estimulou-se a participação oral dos educandos, pois essa é uma área de que eles gostam muito. Com isso, buscou-se a integração entre que eles sabiam e que precisavam aprender: conciliar a fala com a escrita.

Uma apostila contendo todas as atividades realizadas juntamente com comentários para professores que queiram utilizá-las em suas salas de aula está disponibilizada no link <http://bit.ly/freitaslimajr>.

3. Análise dos dados coletados

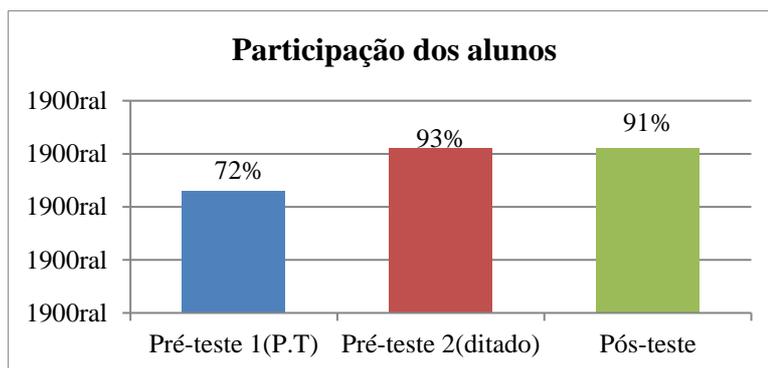
Nesta seção, apresentamos a análise dos dados coletados com o objetivo de avaliar os efeitos das atividades sistematizadas que foram elaboradas, voltadas para o ensino reflexivo de ortografia. Apresentamos a análise quantitativa e depois a análise qualitativa dos resultados.

Salientamos que a intenção da pesquisa-ação foi mostrar todos os percalços que, na prática, os educadores enfrentam no terreno da escola. Esses obstáculos vão além das possibilidades e condições dos docentes e devem ser considerados, ao se analisarem os resultados da pesquisa.

Os problemas enfrentados durante a pesquisa em relação à turma foram: a frequência dos alunos, pois eles faltavam muito, sendo um fato constantemente levado à direção da escola; o remanejamento de alunos de uma turma de 7º ano para outra, por ocasião de indisciplina; a matrícula de alunos na turma após a etapa do pré-teste. Esses fatos ocorridos ocasionaram a não participação da turma por completo, pois nem todos os alunos estiveram presentes em de todas as atividades propostas, principalmente nas duas atividades do pré-teste (produção textual e o ditado) e das atividades do pós-teste.

Demonstramos, assim, por meio do gráfico a seguir, a participação geral dos 33 alunos da turma 7º C:

Fig. 1: Participação dos alunos nas etapas de coleta de dados



Como é possível constatar, os dois testes iniciais contaram com números diferentes de participantes, tendo o primeiro teste menos participantes que o segundo. No primeiro, ocorreram as seguintes situações: dois alunos se recusaram a fazer a produção textual, dois alunos ainda não estavam na turma e seis alunos faltaram no dia. O segundo teste já teve um número maior de participantes, pois poucos alunos faltaram nesse dia e todos os presentes realizaram o ditado. O pós-teste também teve pouca abstenção. Entretanto, constatou-se que não eram os mesmos alunos que faltaram às atividades anteriores.

Pela razão apresentada, selecionaram-se apenas os alunos que tiveram 100% de participação no pré- e no pós-testes, ou seja, 19 alunos, para efeito de análise final, mesmo tendo utilizado os dados de todos os 33 participantes da turma para outros tipos de análise, no decorrer da pesquisa. A interpretação e a comparação do desempenho da turma só seriam possíveis com esse critério definido, pois eram necessários avaliar os resultados dos mesmos estudantes nos dois testes.

Percebe-se também que os alunos, no decorrer da realização das atividades, ainda demonstraram falta de domínio das regras ortográficas. Isso gerou desconforto e insegurança entre eles, o que preocupou a professora-pesquisadora, como docente de Língua Portuguesa, pois os professores de outras áreas, de certa forma, culpam os professores de Português por essa falta de domínio da variedade formal da língua portuguesa.

Verificamos que, dos 23 alunos que participaram da primeira atividade do pré-teste (produção de texto), 15 cometeram algum erro de apagamento ou inserção do <r> final em verbos, ou seja, 65% da turma. De todas as ocorrências de verbos no infinitivo ou na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, houve 77% de acertos e 23% de erros. Embora, em termos de eventos, o número de acertos seja maior, o quantitativo de erros ainda é grande para o 7º ano, e o número de alunos que cometeu algum desses erros (65%) justificou a intervenção. Esse levantamento confirmou a dificuldade de vários alunos na escrita desses verbos, o que evidenciou a importância do

tratamento didático desses problemas, para levá-los a melhorar a escrita ortográfica nesses aspectos identificados como os mais recorrentes em seus textos escritos.

Na segunda atividade do pré-teste, realizamos o ditado que contava com 29 ocorrências, entre verbos no infinitivo e de 3ª pessoa do singular, para serem devidamente escritos. Como 31 alunos participaram do teste, tivemos no total 899 ocorrências analisadas. Desse total, 244 verbos (28%) foram grafados em discordância com a norma ortográfica: 214 dos desvios eram referentes ao apagamento do -r em coda final dos verbos na forma infinitiva e 30 resultantes da inserção indevida da consoante -r no final da forma verbal 3ª pessoa do singular, ou seja, hipercorreção.

Podemos perceber, portanto, a intensa influência da oralidade sobre a escrita. Os alunos não conseguem perceber que muitas vezes pode-se falar de uma maneira e se escrever de outra, como no caso dos verbos analisados. Isso demonstra também que o aluno pode não ter o conhecimento morfológico da classe de palavras (verbos) para auxiliar na escrita correta da forma infinitiva e na 3ª pessoa do singular.

Conforme os dados analisados, apenas 3 alunos, do total de 31, não cometeram erro de apagamento do -r final em verbos no infinitivo e inserção indevida dessa terminação. Como foi dito anteriormente, essa quantidade de alunos justifica mais a pesquisa do que a incidência de erros, pois podemos observar que a maioria da turma, ou seja, 90,3% dos alunos, iniciou a pesquisa com dificuldade na escrita das formas verbais analisadas, ressaltando a importância de se elaborar atividades específicas para o tratamento do desvio.

Verificamos com os dados dos dois pré-testes que o percentual de erro ficou bastante alto, em relação ao desempenho desejável, devido aos vários apagamentos e inserções do <r> em coda final. Abaixo, o gráfico com esses resultados:

Após essas análises, foram conduzidas as atividades de intervenção, utilizando-se um total de oito aulas. Os detalhes das atividades e dos procedimentos estão descritos na apostila resultante desta pesquisa, disponibilizada em https://drive.google.com/file/d/1p3HyW10rupwYNji_iDFNcj83MsvPBitb/view, mas, resumidamente, as intervenções foram organizadas da seguinte maneira:

- Aula 1: Apresentação do projeto, explicando a escolha do tema por causa da recorrência do erro nas redações; discussão sobre a importância social da escrita; exposição sobre a formação do infinitivo verbal e variação na tonicidade, utilizando exemplos de uma das músicas do pré-teste; realização de atividade com quatro questões;



- Aula 2: Correção das quatro questões, explorando o aspecto da tonicidade; realização de atividade com dois textos de músicas diferentes com grande ocorrência das formas verbais em foco – cada aluno ficou com um texto. Eles ouviram a música e acompanharam a letra no papel, podendo observar a diferença entre a língua oral e a língua escrita. Primeiramente, eles circularam todas as formas verbais solicitadas e depois trocaram, de forma proposital, essas ocorrências. Feito isso, eles trocaram o texto com o colega que iria relacionar as formas verbais inadequadas e escrever corretamente ao lado. Depois, abriu-se o debate de ideias na sala toda, refletindo sobre o que estava incorreto na escrita das formas verbais relacionadas;
- Aula 3: Discussão sobre regionalismos, gírias e variações da oralidade que não podem ser transpostos para a escrita; discussão sobre o tema “herói” como forma de planejamento textual, com a montagem de um personagem principal para posterior produção textual;
- Aula 4: Exemplo de erros com <r> em coda do planejamento textual dos próprios alunos foram colocados na lousa para uma correção coletiva, enfatizando a tonicidade; a produção do texto narrativo planejado na aula anterior;
- Aula 5: Revisão do texto de um colega apenas em relação ao <r> em coda; foi dada a possibilidade de uso de dicionários para realização da revisão;
- Aula 6: Correção do próprio texto marcado por um colega na aula anterior; casos de acertos e de erros dos próprios alunos foram utilizados para discussão e para reflexão com toda a turma;
- Aula 7: Realização de atividade com duas questões de preenchimento de lacunas com formas concorrentes e na formação de novas formas verbais com o acréscimo do <r> no final da palavra;
- Aula 8: Atividade de manutenção – após breve explicação e revisão, foram colocadas na lousa frases a serem completadas com formas verbais pelos alunos; realizou-se uma cruzadinha com o texto “Palavras jogadas fora”, de Mário Eduardo Viaro, que foi apresentado com erros de apagamento e inserção de <r> em coda para os alunos identificarem e usarem as formas corrigidas e completarem a cruzadinha. Após isso, os alunos responderam a três questões sobre o texto, sendo uma delas de inventar verbos para inseri-los em frases.

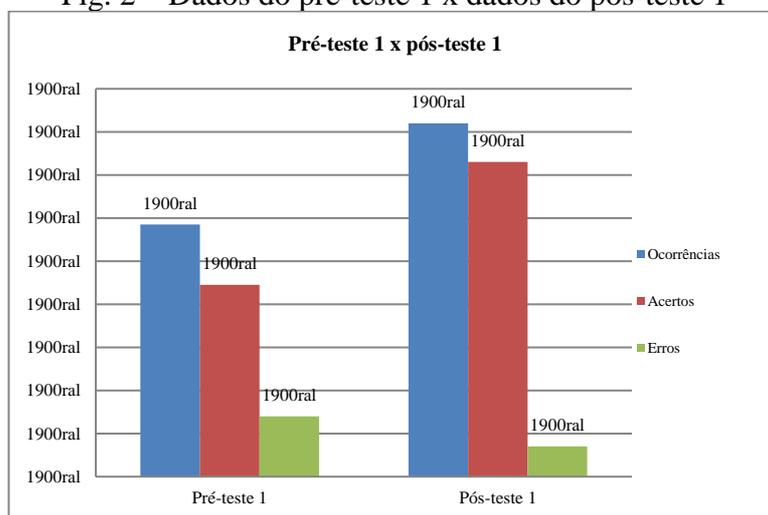
A primeira atividade do pós-teste foi do mesmo tipo que a primeira atividade do pré-teste, uma produção de texto. Semelhantemente, foram analisadas as produções textuais dos alunos, considerando os desvios ortográficos enfocados nessa pesquisa.

Verificou-se que, dos 30 alunos participantes do pós-teste 1, apenas 9 cometeram algum tipo

de desvio (apagamento ou inserção do <r>), resultando no percentual de 30%. Os outros 21 alunos (70%) acertaram 100% da atividade, enquanto que, no pré-teste 1, tivemos um número proporcionalmente menor de participantes, 23 aprendizes e um número maior de alunos que cometeram algum tipo de erro, 16.

Sobre o número de ocorrência de erros, o percentual de erros diminuiu de 23% para 10%, e o percentual de acertos aumentou de 77% para 90%, demonstrando a importância da aplicação das atividades para a resolução do desvio ortográfico. No pré-teste, apesar das ocorrências do infinitivo e da 3ª pessoa do singular ter sido menor, o número de erros foi maior. Nota-se que aconteceu o contrário no teste 1 do pós-teste: a frequência das formas verbais estudadas foi maior e o número de erros foi menor, conforme mostrado no gráfico a seguir.

Fig. 2 – Dados do pré-teste 1 x dados do pós-teste 1



A segunda atividade do pós-teste consistia novamente em um ditado, porém, dessa vez, de provérbios. A atividade era eles ouvirem os provérbios ditados pela professora e completar o espaço em branco com os verbos que estavam faltando. Após a análise dos dados, foi possível verificar que houve uma considerável melhora no resultado, pois poucos alunos cometeram algum desvio. Dos 30 alunos participantes, 18 não incorreram em erros (60% da turma), enquanto que no pré-teste 2 foram apenas 3 alunos (9,6% dos participantes). A maioria dos erros cometidos foi de inserção do <r>, invertendo o resultado do pós-teste 1, que foi o de apagamento do <r>. Podemos explicar isso, considerando que os alunos, ao ficarem na dúvida de como escrever a forma verbal da 3ª pessoa do singular, colocaram o <r> por duvidar da exatidão do que estão escrevendo, cometendo uma hipercorreção, generalizando a regra para todos os contextos. Acredita-se que esse já é um primeiro

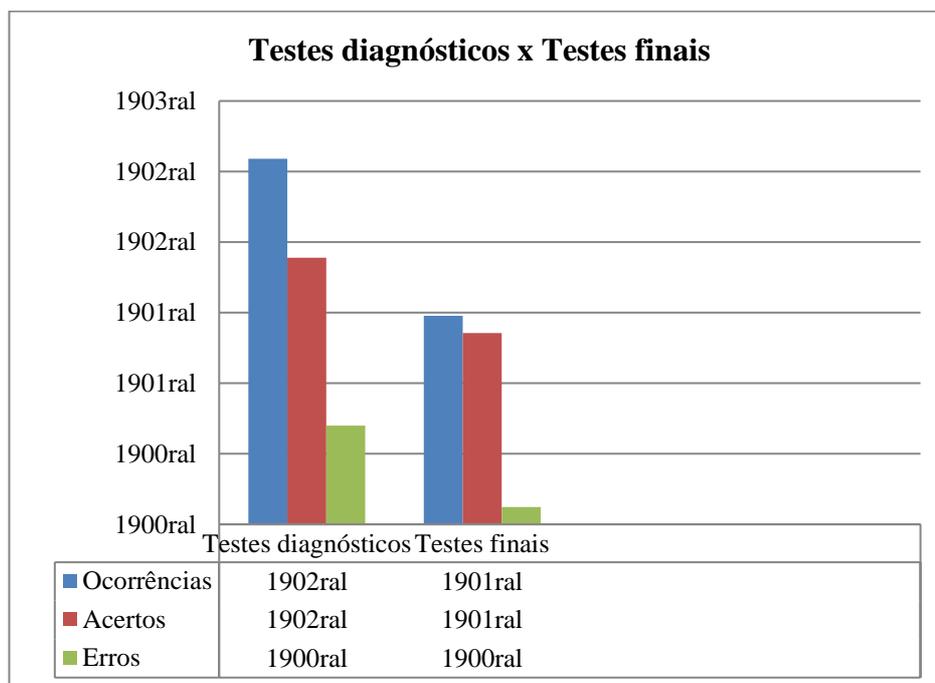
passo para eles tomarem consciência das formas ortográficas.

Com relação ao total de erros, as diferenças de percentual do pré-teste 2 para o pós-teste 2 foram bastante consideráveis e demonstram o quanto os alunos evoluíram. No pré-teste 2 foram 27% de erros no total, contra apenas 7% de erros totais no pós-teste 2, e um aumento de 20 pontos percentuais na quantidade de acertos, que subiu de 73% para 93%.

Constatou-se ainda que, dos 30 alunos participantes, 14 obtiveram aproveitamento de 100% nos dois pós-testes, ou seja, 46% da turma consolidou a regra estudada, empregando-a corretamente. Além disso, os percentuais de acertos, 90% no pós-teste 1 e 93% no pós-teste 2 revelaram um bom índice de aprendizagem da turma.

Juntando-se todas as ocorrências dos dois pré-testes e pós-testes, temos o seguinte quantitativo:

Fig. 3 – Comparativo entre os resultados dos pré-testes diagnósticos e pós-testes



Como a ocorrência das formas verbais em estudo foi muito maior nos pré-testes, é preciso comparar os erros e acertos por meio de percentuais. Nos pré-testes houve um total de 73% de acertos e 27% de erros, enquanto que nos pós-testes o percentual de acertos subiu para 92% e o de erros diminuiu para apenas 8%.

Por fim, com o propósito de verificar se essa diferença entre os pré- e pós-testes é estatisticamente significativa, foi realizado um teste de Wilcoxon pareado com as médias dos

percentuais de erros dos alunos nos pré-testes (média 0,31; DP = 0,22) e pós-testes (média 0,03; DP = 0,18). O resultado do teste foi de $W = 70330$, $p < 0,001$, demonstrando que a diminuição das médias de percentual de erros nos pré- e pós-testes foi estatisticamente significativa.

4. Considerações Finais

Neste artigo, compartilha-se a aflição dos professores de Língua Portuguesa em notar que, cada vez mais, um número maior de alunos tem necessidade de adquirir os conhecimentos ortográficos fundamentais para o desenvolvimento na habilidade escrita. Dessa forma, torna-se necessária uma intervenção escolar diante de cada dificuldade enfrentada por eles durante o processo de aprendizagem da escrita, seja fonético, fonológico, gramatical ou ortográfico. Portanto, procurou-se buscar explicações e alternativas que promovam a escrita, levando em consideração seu aspecto ortográfico, relacionado às formas verbais envolvendo a utilização do grafema <r> em coda final.

O objetivo desta pesquisa foi de avaliar o efeito de um ensino reflexivo para as convenções de escrita de formas verbais envolvendo o grafema <r> em coda final. O objetivo foi alcançado, uma vez que os pré- e pós-testes, tanto com produção espontânea e controlada, serviram como instrumento de avaliação das intervenções conduzidas. A pergunta de pesquisa foi “qual é o efeito da utilização de atividades específicas e reflexivas na aprendizagem das regularidades ortográficas das formas verbais estudadas?”. Pode-se concluir que o efeito foi significativamente positivo na escrita ortográfica do grafema <r> em formas verbais dos alunos participantes, como apresentado na seção anterior. É importante ressaltar que os alunos começaram a utilizar, nas suas produções textuais, a forma verbal do infinitivo, percebendo que, na variedade linguística falada, na maioria das vezes, o fonema <r> não é falado, porém na escrita devem utilizá-lo. Já na escrita da forma verbal da 3ª pessoa do singular, os alunos aprenderam que precisam utilizar seu conhecimento em morfologia orientando-se por meio das regularidades envolvidas na notação das formas verbais.

Os dados quantitativos apresentados mostram que a ortografia, ao ser tratada de maneira reflexiva e dinâmica, com o professor mediando o processo de ensino-aprendizagem, sempre atento aos desvios encontrados nos textos dos alunos e tratando-os de maneira diferenciada, pode ajudá-los a avançar no domínio dessa competência. Essa natureza das atividades de intervenção foi de fundamental importância para o presente trabalho pois implicou uma metodologia baseada no ensino sistemático com reflexões sobre as regras, promovendo a compreensão do princípio gerativo destas e não somente sua memorização.



Esta pesquisa também identificou o apagamento e a inserção do <r> em coda final de verbos como um dos erros ortográficos que mais interferem na escrita dos alunos do 7º ano, por se encontrarem muito presos à modalidade oral da língua, no momento de produzir textos escritos. Optou-se por levar o aprendiz a refletir sobre o fenômeno com o objetivo de perceber a influência da fala na escrita e, também, auxiliando-o na dissociação da escrita em relação à da fala. O objetivo da pesquisa foi apresentar atividades interventivas reflexivas diferentes das tradicionais, envolvendo músicas, gêneros textuais diversificados, cruzadinhas, que atraíssem o interesse dos aprendizes no conhecimento da ortografia.

Ressalta-se essa necessidade do professor, num primeiro momento, observar as dificuldades da turma e, a partir delas, criar estratégias baseadas em atividades simples, curtas, mas criativas e atrativas, levando os alunos a refletirem sobre a língua, seu uso e seus padrões. As atividades e os procedimentos realizados nesta pesquisa, e disponibilizados online, podem servir de esqueleto para o tratamento de outras dificuldades ortográficas que alunos podem apresentar.

Vale notar como a mediação docente, por meio das atividades, favoreceu o domínio do desvio ortográfico estudado, pois nas atividades houve a oportunidade de mostrar aos alunos como é importante o uso correto, nesse caso específico, do grafema <r> no final dos verbos. Outro fator importante foi o de incentivar os alunos a refletirem sobre as respostas a que haviam chegado e sobre as dificuldades encontradas nas atividades.

Devemos ressaltar o compromisso com o ensino-aprendizagem dos nossos alunos, pois é imprescindível o papel do professor em sala de aula não só de sistematizar o conhecimento, mas de conduzir o aluno a participar das etapas de compreensão das regras ortográficas e aplicação. Acreditamos que, dessa maneira, o ensino das normas ortográficas se torna mais significativo e reflexivo.

Considera-se que a pesquisa foi apenas um passo para a inovação do ensino-aprendizagem das normas ortográficas, pois o professor deve trabalhar de forma contínua atentando-se para as particularidades do ensino de outras regularidades. Além de que não se pode garantir que aquele aluno que conseguiu solucionar a questão do erro específico trabalhado, não voltará mais a escrever errado. É preciso, assim, que as atividades interventivas façam parte das aulas de Língua Portuguesa e proporcionem uma evolução gradual dos nossos alunos.



Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Métodos de Alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2001.
- MORAIS, Artur Gomes. O diagnóstico como instrumento para o planejamento do ensino de ortografia. In: SILVA, Alessandro; MORAIS, Artur Gomes de; MELO, Kátia Leal Reis de (Org.). **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 45-60, 2005.
- MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2008.
- NÓBREGA, Maria José da. **Ortografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- SANTOS, Jucicleide Ferreira dos. O ensino/aprendizagem da ortografia no ensino fundamental II: um desafio para os educadores. Dissertação (Profletras), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- ZANELLA, Maura Spada. Ortografia no ensino fundamental: um estudo sobre as dificuldades no processo de aprendizagem da escrita. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 109-125, ago/dez. 2010.

[RECEBIDO: agosto de 2018]

[ACEITO: maio de 2019]